

---

## REPRESENTAÇÕES DE UMA IDENTIDADE NEGRA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DOS POEMAS *ENCONTREI MINHAS ORIGENS*, *TREZE DE MAIO* E *VINTE DE NOVEMBRO*, DE OLIVEIRA SILVEIRA

---

Denise Silva Nonoya<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo de caso objetiva, a partir dos poemas *Eu encontrei minhas origens*, *Treze de Maio* e *Vinte de Novembro*, de Oliveira Silveira, conhecido como poeta do 20 de Novembro, contribuir para o processo de desenvolvimento da consciência crítica acerca do processo de libertação dos escravizados e mostrar como seus versos se estabeleceram enquanto elemento importante no fenômeno da ação afirmativa no percurso histórico do movimento negro. A escrita traz um recorte temporal de como a data de 20 de novembro foi sendo consagrada como referência e invocação ao dia nacional da Consciência Negra. Apresenta Oliveira Silveira como um dos precursores nessa discussão que busca incluir, no cenário nacional, a identidade do povo negro e os movimentos de afirmação por uma igualdade racial no Brasil.

**Palavras-Chave:** Oliveira Silveira; Dia da Consciência Negra; Movimento Negro; Negro Brasileiro; Grupo Palmares de Porto Alegre.

---

## REPRESENTATIONS OF A BLACK IDENTITY: A CASE STUDY FROM POEMS *ENCONTREI MINHAS ORIGENS*, *TREZE DE MAIO* E *VINTE DE NOVEMBRO* WRITTEN BY OLIVEIRA SILVEIRA

---

### ABSTRACT

The present case study proposes to contribute to the process of developing critical awareness about the process of liberation of the enslaved from the poems *Eu encontrei minhas origens*, *Treze de Maio* e *Vinte de Novembro*, written by Oliveira Silveira, known as poet of 20 of November. Besides, it proposes to show how his poems were established as an important element in the phenomenon of affirmative action in the historical course of the black movement. His writing brings a temporal cut of how the date November 20 lifted as reference and invocation to the national day of Black Consciousness. This paper presents Oliveira Silveira as one of the precursors in the discussion that seeks to include on the national scene the identity of the black people and the affirmation movements for a racial equality in Brazil.

**KeyWords:** Oliveira Silveira; Black Consciousness Day; Black Movement; Brazilian Black People; Palmares Group, from Porto Alegre.

---

## REPRESENTACIONES DE UNA IDENTIDAD NEGRA: UN ESTUDIO DE CASO DE LOS POEMAS *ENCONTREI MINHAS ORIGENS*, *TREZE DE MAIO* E *VINTE DE NOVEMBRO*, DE OLIVEIRA SILVEIRA

---

### RESUMEN

El presente estudio de caso tiene como objetivo, a partir de los poemas que encontré mis orígenes, *Treze de Maio* y *Vinte de Novembro*, de Oliveira Silveira, conocida como poeta del 20 de Novembro,

---

<sup>1</sup> Psicóloga - Psicodramatista Didata-Supervisora (registro FEBRAP). Especialista em História da África e do Negro no Brasil (2018 - Universidade Cândido Mendes), Psicologia Clínica (2015 - Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo)

contribuir al proceso de desarrollar una conciencia crítica sobre el proceso. liberación de los esclavizados y mostrar cómo sus versos se establecieron como un elemento importante en el fenómeno de la acción afirmativa en la trayectoria histórica del movimiento negro. La escritura trae un marco temporal de cómo la fecha del 20 de noviembre se estaba consagrando como referencia e invocación al día nacional de la Conciencia Negra. Presenta a Oliveira Silveira como uno de los precursores en esta discusión que busca incluir, en la escena nacional, la identidad de los negros y los movimientos de afirmación por la igualdad racial en Brasil.

**Palabras clave:** Oliveira Silveira; Día de la Conciencia Negra; Movimiento negro brasileño; Negro brasileño; Grupo Palmares de Porto Alegre

## INTRODUÇÃO

A Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) decretou em seu artigo 5º que a prática de racismo é crime inafiançável e imprescritível, além de garantir às comunidades quilombolas o título definitivo de suas terras (artigo 68 das Disposições Transitórias). A promulgação dessa constituição, conhecida como cidadã, fomentou a criação de leis para inserção de ações afirmativas no rol de atividades estatais, alimentando a noção de sistema de cotas universitárias para afrodescendentes. A Lei 10.639/03 incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e a Lei nº 12.519/2011 declarou o Dia 20 de Novembro como o dia nacional da Consciência Negra e Dia Nacional de Zumbi.

Decerto, essa legislação espelha a revisão do papel do negro na sociedade brasileira e evidencia as demandas dos movimentos de oposição ao racismo desde as comunidades quilombolas, à época da escravização, as quais se tornaram cada vez mais contundentes ao longo dos 130 anos que se passaram depois de assinada a Lei Áurea. Reflete, igualmente, o deslocamento do eixo de estudos da historiografia oficial, que a partir da década de 80 enfatiza o negro como sujeito histórico. Passa-se a problematizar as rebeliões contra a escravidão enquanto movimentos revolucionários e de resistência negra. Nesse prisma, historiadores recontam e reconfiguram as lutas dos quilombos como expressivas de grandes momentos da história brasileira, destacando a luta de Zumbi dos Palmares e dando ênfase à trajetória do Movimento Negro Brasileiro no período pós-abolição.

No final da década de 70, ainda no período da ditadura militar, assiste-se à insurgência do movimento negro, o qual, diferentemente do que aconteceu nos períodos anteriores, pleiteava a afirmação da importância da identidade negra na História do Brasil e a distribuição de poder para a comunidade negra, resgatando assim a figura heroica de Zumbi dos Palmares. Nesse cenário, é salutar a atuação do poeta gaúcho Oliveira Silveira e do Grupo Palmares de

Porto Alegre na vanguarda deste resgate, ao instituir em 1971 o dia 20 de Novembro como data comemorativa da identidade negra.

A partir de 3 (três) poemas escritos por Oliveira Silveira, o presente artigo objetiva apresentar sua contribuição para o processo de tomada de consciência crítica, evidenciando como as poesias do autor se constituem um importante elemento no fenômeno da ação afirmativa no percurso histórico do movimento negro nacional.

A opção metodológica deu ênfase na pesquisa e na análise bibliográficas de fontes como livros, periódicos, revistas especializadas, repositórios virtuais e reflexões dos depoimentos de seus contemporâneos. A premissa fundante é a de que o grupo Palmares de Porto Alegre, na figura de Oliveira Silveira, resgatou e evidenciou a linha do tempo das ações de afirmação da identidade negra e fomentou ressonâncias para o processo que ora se iniciava.

A redação está dividida em três capítulos. O primeiro faz um recorte histórico do movimento negro e do protagonismo gaúcho no tema. O segundo resgata o Grupo Palmares de Porto Alegre e a instituição do 20 de novembro como data alusiva ao negro, além da repercussão nacional dessa medida. E, por fim, no terceiro capítulo é apresentada uma breve biografia de Oliveira Silveira, entrelaçada com os poemas *Eu encontrei minhas origens*, *Treze de Maio* e *Vinte de Novembro*, bem como o envolvimento do autor e sua influência no processo de ação afirmativa no percurso histórico do movimento negro. Os poemas são analisados à luz de conceitos de pensadores da negritude, tais como Alberto Guerreiro Ramos, Elisa Larkin Nascimento, Abdias Nascimento e Wade Nobles.

## **MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO E O PROTAGONISMO GAÚCHO**

A participação social é o meio pelo qual os cidadãos de um dado coletivo assumem uma iniciativa de luta pela resistência às injustiças e pela conquista da liberdade de expressão. É um exercício constante de afirmação identitária, de reivindicação de igualdade de direitos numa sociedade que se diz plural e democrática, mas que, na prática, se mostra discriminatória, adversa e excludente, características nitidamente encontradas na sociedade brasileira.

Como meio de inserir o Movimento Negro Brasileiro nessa perspectiva, Domingues (2007) salienta a mobilização racial como característica da luta política dos negros na solução de problemas provenientes dos “preconceitos e das discriminações raciais” (p. 102), ainda que, em muitas situações, os grupos não tenham sido tão somente de natureza política, mas também de natureza beneficente, cultural, jurídica, recreativa ou educacional.

O autor citado aponta três fases importantes desse movimento a partir da Proclamação da República, em 1889, demarcados pelas duas ditaduras<sup>2</sup> vividas pelo estado brasileiro, a saber: (i) a Primeira República-Estado Novo; (ii) a Segunda República-Ditadura Militar; e (iii) o período final da década de 70 até a virada do milênio.

Cardoso (2002) amplia esse olhar ao revisitar e enfatizar a organização dos quilombos e a luta pela abolição, empreendidas pelos escravizados<sup>3</sup> como as primeiras formas de resistência do negro no Brasil. Para ele, esta organização é, muitas vezes, distorcida pelo discurso histórico oficial, o qual apresenta os negros como indolentes, malemolentes e primitivos, dando justificativa ao argumento de inferioridade da raça, ao seu tratamento equivalente àquele que recebem os objetos. Dessa maneira, são necessárias tutorias constantes, sujeições de suas raízes culturais às narrativas estabelecidas pelo poder dominante e detentor de autoridade, presumido por e para si pelas classes que se julgam superiores à negra.

Não obstante a relevância e a consolidação do Movimento Negro Nacional, apreendidas neste ensaio como plano de fundo, será assinalado o protagonismo do cenário gaúcho nessa discussão, por ser o *locus* primeiro de Oliveira Silveira, o entorno formador e interferente no seu processo crítico e em suas atuações intelectual e militante. Para tanto, as divisões historiográficas de Cardoso (2002) e Domingues (2007) serão tomadas como referência da evolução desse protagonismo.

### ***Resistência negra no Sul: acontecimentos relevantes***

A presença do negro no sul do país remonta à época da colonização da região, acontecida no início do século XVIII. Oliveira Silveira<sup>4</sup> destaca, porém, que desde meados do século XVII os negros eram presença no território, oriundos das comitivas de Santa Catarina com destino à Sacramento, no Uruguai. A partir de 1830, com a interdição do tráfico atlântico de escravizados para o Brasil, o declínio econômico da cana-de-açúcar e a exaustão da extração aurífera mineira, houve o incremento do tráfico interno (ou tráfico interprovincial), com a venda em massa de negros das províncias do Nordeste para a região centro-sul do país, em especial para as fazendas de café no interior de São Paulo e para as charqueadas nos pampas do Sul.

Bernd e Bakos (1991) ressaltam a importância da mão de obra escravizada em todas as atividades econômicas da região gaúcha, bem como da participação dos negros nos conflitos da região: a Guerra da Cisplatina (1817-1828), a Revolução Farroupilha (1835-1845), as

---

<sup>2</sup> O Estado Novo na era Vargas (1937-1945) e a Civil Militar (1964-1985).

<sup>3</sup> Neste artigo serão utilizados os termos escravização, escravismo e escravizado(a) em contraposição à escravidão e escravo. Isso porque escravização é um sistema de dominação que transforma aquele considerado inferior em escravizado. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA-CRP, 2017, p.22).

<sup>4</sup> O poeta Oliveira Silveira. Disponível em: <<<http://www.portalfro.com.br>>> Acesso em: 15 ago. 2018.

Campanhas Platinas (1849-1852) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), em que se constituíram como contingente militar do Rio Grande do Sul. Pode-se concluir que sua importância era considerada, antes de mais nada, pelo fato de serem usados como escudo ou proteção para os soldados brancos nas revoltas, e não pelo reconhecimento de seu valor enquanto guerreiros. Pertinente à então província de Rio Grande de São Pedro do Sul, no período anterior à abolição, dois acontecimentos são destacáveis. O primeiro deles é a presença dos Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha: homens escravizados são alçados à condição de soldados com a promessa da alforria, o que nas negociações de paz com os imperialistas se constituiu um dos principais impasses<sup>5</sup>. Em um dos episódios mais controversos da história do Brasil, a Batalha de Porongos (14 nov. 1844)<sup>6</sup>, os lanceiros negros, em sua maioria, foram mortos numa emboscada, visto que, desarmados na véspera, foram pegos de surpresa pelo exército comandado pelo Barão de Caxias. Os sobreviventes foram capturados e levados ao Rio de Janeiro como prisioneiros de guerra<sup>7</sup>.

O segundo evento diz respeito às polêmicas denúncias de que as tropas que o exército brasileiro enviou para a Guerra do Paraguai (1864-1870) eram, em sua maior parte, formadas por homens negros escravizados, que aproveitaram a ocasião para se libertar da escravização, encontrando refúgio nas serras gaúchas e no cerrado mato-grossense.

A abolição no Rio Grande do Sul ocorreu em 1884 (BERND; BAKOS, 1991), quatro anos antes da Lei Áurea, fazendo com que muitos dos libertos vagassem pela Cidade Baixa, no centro da cidade de Porto Alegre, ou por outras cidades do interior em busca de trabalho sem possuir direitos que lhes garantissem o básico para suas subsistências.

### ***A força de oposição dos Quilombos***

A abolição surge “como fruto das lutas do Negro, contra a escravidão, dos setores liberais contra a monarquia, o ascenso do capitalismo inglês em busca de novos mercados de seus produtos industrializados” (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 1979 *apud* CARDOSO, 2002, p. 28). Veio à revelia dos grandes produtores agrícolas, que não respaldaram políticas de apoio e de inserção dos alforriados à sociedade e exigiam inclusive ser ressarcidos por suas perdas oriundas da libertação dos escravos. No que tange à resistência, Cardoso (2002) contextualiza que:

---

<sup>5</sup> Vale assinalar que os farroupilhas defendiam os ideais abolicionistas. Porém, os grandes proprietários de terras gaúchos, que detinham a concentração social da propriedade escravizada e se dedicavam à produção do charque para exportação, não compartilhavam desses pensamentos, estando muito mais próximos do posicionamento do Império, pois necessitavam dessa mão de obra escravizada em suas estâncias.

<sup>6</sup> Também conhecida como a Traição ou Massacre de Porongos.

<sup>7</sup> Massacre de Porongos. Disponível em: <<<https://www.sul21.com.br/areazero/2016/09/massacre-de-porongos-ainda-e-polemico-porque-questiona-herois-farroupilhas-diz-historiadora/>>> Acesso em: 31 jul. 2018.

No período anterior à abolição da escravidão, homens e mulheres negras escravizados encontraram inúmeras formas para confrontar com a classe dos senhores de escravos. Entre algumas dessas, podemos destacar o banzo – espécie de greve de fome -, o assassinato individual do senhor pelo escravo, a fuga isolada, o aborto praticado pela mulher escrava, o suicídio, a organização de confrarias religiosas, a manutenção das religiões africanas, as guerrilhas e insurreições urbanas (Alfaiates, Balaiada, Cabanagens, Farroupilha, Revolta dos Búzios, Chibata, etc.). (MOURA, 1981 *apud* CARDOSO, 2002, p. 26).

Diferentemente do que é apreendido no ensino da História como sendo a abolição resultante da “generosidade” da Princesa Isabel, “a Redentora”, numa provável distorção de sua verdadeira ação. Em razão de sua condição feminina, sua militância no processo enquanto mulher foi desqualificada, salvo beatificando-a ou transformando-a em santa. Na verdade, sua atuação junto aos abolicionistas é negligenciada e ocultada.

Opondo-se a esses acontecimentos, os quilombos se constituíram na “mais avançada e sofisticada organização de resistência coletiva” (CARDOSO, 2002, p. 27), ameaçando a estrutura política e econômica do sistema colonial. A República Negra dos Palmares (1595-1695), pelo tempo de sua existência e pela sua magnitude, representa emblematicamente essa força de afirmação étnico-político-econômico-cultural da negritude, sendo seu último líder Zumbi, aclamado como um grande estrategista. Em sua pesquisa, Cardoso (2002) destaca que Palmares não foi um caso isolado, uma vez que os quilombos se constituíram como “estratégias coletivas de sobrevivência” (p. 60) e de resistência durante todo o período de luta dos negros a favor da abolição. Portanto, verifica-se o quanto os quilombos tinham uma função que era contemporânea ao que acontecia naquele momento histórico. As localizações dos quilombos migravam conforme se deslocavam as atividades econômicas da cana-de-açúcar, do ouro, do café, do charque. No decorrer do tempo, eles se mantiveram como foco de resistência e de afirmação da cultura e da religião negras. Às vésperas da abolição, já eram de conhecimento geral os quilombos situados nos morros e nas periferias dos centros urbanos, abrigando negros fugidos e perseguidos e sendo, muitas vezes, defendidos pelos abolicionistas. Silva (2003) descreve, entre outros, o Quilombo do Jabaquara (Santos/SP), o de Nossa Senhora dos Mares (Salvador/BA), o do Cupim (Recife/PE), além do Quilombo do Leblon (Rio de Janeiro/RJ), detentor das famosas camélias, “cujo simbolismo revela o papel decisivo da adesão dos negros (com as fugas em massa), a contribuição secreta da princesa imperial, dos abolicionistas e da elite negra” (SILVA, 2003, p. 8) para o processo que culminou na abolição. Do Rio Grande do Sul, se têm notícias de que os primeiros quilombos surgiram no litoral norte do estado, entre as

cidades de Osório e Capão da Canoa (conhecida à época como Capão da Negra), e de que a apreensão de um navio negreiro deu origem ao quilombo de Morro Alto.<sup>8</sup>

Nessa sequência, Bernd&Bakos (1991) apontam a existência de comunidades quilombolas nas cercanias de Pelotas, Rio Grande, Rio Pardo, entre outras, reconhecendo que há poucos registros e pesquisas sistematizadas. Contudo, deduzem que há evidências de “que já em 1773 o negro escravizado insurgiu-se no Rio Grande do Sul, fugindo do jugo senhoril e aquilombando-se, o que não era fato incomum” (p. 12).

Não obstante, esquecida do imaginário nacional, a grandeza de Palmares será retomada a partir de 1971, simbolizando orgulho, arrojo e bravura do povo negro, o qual resistiu e sobreviveu ao sofrimento e à aniquilação de sua cultura como veremos adiante, no pioneirismo de Oliveira Silveira e do Grupo Palmares de Porto Alegre.

### ***1ª Fase do Movimento: da Primeira República ao Estado Novo (1889-1937)***

A forma como a abolição foi realizada e instituída empurrou a população negra para as favelas e a condicionou a subempregos. A partir daquele momento, passa a se constituir mão de obra descartável, sem qualificação e preterida em favor dos imigrantes brancos. Loner (2010) sintetiza que, até 1888, o clima vigente apontava para o término da escravização, envolvendo vários setores da sociedade, inclusive associações de imigrantes. A autora afirma que “Contudo, após este período, os negros foram deixados sozinhos e o preconceito de cor se intensificou, ocasionando a necessidade da ampliação da rede associativa étnica” (p. 250).

A elite, preocupada com a nação que se formava, recorria às teorias raciais para justificar a inferioridade dos negros. A esse respeito, Munanga (1999) esclarece que “A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca” (p. 51). Desse modo, obstinadamente, esse momento histórico é testemunha do surgimento de associações beneficentes e recreativas e de uma imprensa muito particular, a qual buscava denunciar tais situações impostas aos negros no país. Nesse período, manifestações importantes tomaram corpo, entre elas a ocorrida em 13 de maio de 1910 no Rio de Janeiro. Marinheiros, em sua maioria negra, “exigiam o fim dos castigos corporais impingidos [...] prática remanescente da escravidão e vigente até aquele momento na Marinha Brasileira - além de melhores condições de trabalho e salários” (CARDOSO, 2002, p.30). Conhecida como a Revolta da Chibata, o movimento foi liderado pelo gaúcho João Cândido.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombos\\_no\\_Litoral\\_Norte\\_do\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul](https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombos_no_Litoral_Norte_do_Rio_Grande_do_Sul)>>  
Acesso em: 31 jul. 2018.

Cardoso (2002) e Domingues (2007) relatam que o surgimento nesse período de entidades e associações beneficentes e recreativas, clubes, jornais e grupos culturais foi uma forma de resistir à marginalidade e ao ostracismo, a partir de cooperação, solidariedade e ênfase na qualificação que os novos tempos exigiam. Nesse seguimento, Muller (2010) relata a existência de 72 associações diversas em Porto Alegre entre 1872 e 1920, considerando inclusive os jornais da imprensa negra, e Loner (2010), a de 53 em Pelotas entre 1888 e 1929.

Em Porto Alegre, destaca-se a Sociedade Floresta Aurora, atual Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora, fundada em 31 de dezembro de 1872 na Cidade Baixa, região central da cidade, a qual, juntamente com os bairros Bom Fim, Rio Branco e Menino Deus, à época, abrigavam praticamente toda comunidade negra porto-alegrense.<sup>9</sup> Surgida com o objetivo beneficente de arrecadar fundos como meio de ajudar famílias negras a pagar enterros de parentes, no decorrer do século XX ela se tornou ponto de encontro cultural, social, recreativo, político, além de palco de atos públicos e protestos<sup>10</sup> na cidade. Atualmente, sua sede é no bairro de Belém Novo, periferia da cidade. Entre seus sócios, evidenciam-se João Cândido, o líder da Revolta da Chibata, e Alceu de Deus Collares, advogado negro de Bagé eleito vereador por vários mandatos e também eleito prefeito de Porto Alegre em 1986 e governador do Estado do Rio Grande do Sul em 1990.

Muller (2010), em arremetida escrita, reporta a criação da Sociedade Floresta Aurora ao surgimento, em 1786, da Irmandade do Rosário, oriunda das antigas confrarias, que transformou o desejo de ascensão social, a preocupação com o futuro, a manutenção das tradições africanas e a formação educacional em espaço de luta. A Igreja do Rosário de Porto Alegre é inaugurada em 1828, a partir das iniciativas e do esforço da Irmandade.

Notabilizam-se, ainda, o Clube Náutico Marcílio Dias, não mais em funcionamento, e a Associação Satélite Prontidão. Sua sede inicial também se localizava na Cidade Baixa, porém atualmente se situa no bairro periférico chamado Rubem Berta, extremo norte da cidade. Foi criada em 1956, a partir da fusão de duas entidades: a Associação Satélite, fundada em 1902, e a Sociedade Carnavalesca Prontidão, de 1925, adotando a data da entidade mais antiga como sua data de inauguração oficial. Foi declarada, em 2009, como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul (CARDOSO, 2002; DOMINGUES, 2007; LONER, 2010).

O deslocamento das sedes desses clubes para a periferia de Porto Alegre testemunha, à exemplo do que acontece em outras capitais, o apagamento da história e da memória do povo

---

<sup>9</sup> As sociedades negras, de Antônio Carlos Côrtes. Disponível em: <<<http://florestaaurora.blogspot.com/2009/11/137-anos-de-historia.html>>> Acesso em: 31 jul. 2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <<<https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=150295>>> Acesso em: 29 jul. 2018

negro nos bairros centrais da cidade, em profundas negação e falta de respeito a sua contribuição para a formação cultural, revelando, insidiosamente, a manutenção da herança de branqueamento do espaço urbano.

Em Pelotas<sup>11</sup>, surgem a Sociedade Progresso da Raça Africana, em 1891, e a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul, em 1908. Em Santa Maria, cidade localizada na região central do estado, a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, em 1903 (DOMINGUES, 2007; LONER, 2010). É importante salientar, ainda, segundo Cardoso (2002), a criação, em 1936, do Centro de Cultura Afro-brasileira em Pernambuco pelo poeta Solano Trindade, tomado como referência pelos negros gaúchos na década de 70.

Neste ínterim, começaram a despontar como meio de denunciar a discriminação racial e o sofrimento da comunidade negra jornais e periódicos mantidos e editados pelos próprios negros que “revelam a determinação em manter o espaço ideológico e informativo independente e de servir como veículo organizacional da comunidade negra” (CARDOSO, 2007, p. 30). O conjunto desse fenômeno é conhecido como imprensa negra. Exemplos dessa imprensa são os surgimentos do semanário *O Exemplo*, em 1892 em Porto Alegre, *d’A Pátria-Órgão dos Homens de Cor*, em 1899 em São Paulo, e do periódico *Menelick*, em 1915 na mesma cidade (DOMINGUES, 2007). O jornal *Alvorada*, de Pelotas/RS, foi o periódico de maior permanência no país, publicado entre 1907 e 1965. Cardoso (2002) destaca que esse esforço favoreceu, em São Paulo, a criação da Frente Negra Brasileira (FNB) em 1931, liderada por membros da imprensa negra, entre eles José Correia Leite.

De imediato, a atuação da Frente repercutiu nacionalmente e colocou em evidência a comunidade negra tanto de São Paulo quanto de outros estados da nação. O jornal *A Voz da Raça*, porta voz oficial da Frente, foi editado no período de 1936 a 1938. No relato de Domingues (2007), a FNB se elevou à condição de partido político de orientação ideológica autoritária e ultranacionalista em 1936, embora essa tendência de pensamento não fosse predominante em nível nacional, como descreve Loner (2010) ao se referir à Frente Negra em Pelotas.

À parte das considerações de que a FNB (oriunda do Centro Cívico Palmares, de 1926) seja tida com a primeira organização de caráter político em favor do negro, Domingues (2007) sugere que tal afirmação não seja tomada em sentido absoluto, vistas as identificações e as pesquisas apresentadas por Loner (1999). Com efeito, essa informação é corroborada em outro

---

<sup>11</sup> Pelotas é uma cidade localizada na região sul estado do RS, a qual tinha, por volta de 1870, metade de sua população formada por escravizados que trabalhavam nas charqueadas e que cumpriam uma rotina intensa e dolorosa, que os levava a enfermidades e a morte em poucos anos de trabalho. Para mais informações, pesquisar em *Enfermidade e Morte: os escravos na cidade de Pelotas-Hist. cienc. Saúde-Manguinhos*.vol.19 supl.1, Rio de Janeiro, Dez. 2012.

artigo de Loner (2010), no qual reafirma-se a existência das entidades Centro Etiópico Monteiro Lopes, de 1909, e Centro Cívico Alcides Bahia, de 1924, em Pelotas/RS. Essas associações eram “formadas por mobilizações pontuais para que deputados negros de outros estados pudessem assumir cadeiras de representação política na Câmara dos Deputados” (LONER, 2010, p. 255). A Frente foi extinta, assim como todas organizações políticas e todos movimentos sociais, no advento da repressiva ditadura do Estado Novo em 1937.

## ***2ª Fase do Movimento: da Segunda República à Ditadura Militar (1945-64)***

O ano de 1945 registra o fim da ditadura Vargas, que fora marcada por intensa e vigilante repressão. O país retoma, por conseguinte, o processo democrático iniciado nos sete anos seguintes da Revolução de 30, interrompido com o advento do Estado Novo. Essa retomada incentiva a reorganização e as mobilizações dos movimentos sociais de modo geral e, em particular, das lutas do povo negro na constante afirmação de sua igualdade.

A segunda metade da década de 40 e toda a década de 50 são caracterizadas pelo fortalecimento das associações e dos clubes sociais, bem como pela consolidação das manifestações afro culturais. Estas eram concomitantes às ações reivindicatórias que buscavam, de maneira mais estratégica, a conquista e a garantia de direitos contra o racismo e a discriminação racial. Nessa direção, no ano de 1943, sobressai-se a criação da União dos Homens de Cor (UHC, ou “Ugacê”), fundada em Porto Alegre por João Cabral Alves, farmacêutico e articulista.

Rapidamente a UHC se expandiu pelo país. Segundo Joselina da Silva (2003), cinco anos depois ela estava presente em dez estados da nação, em capitais e em diversos municípios do interior. As discussões, encontros, palestras e reivindicações eram pautadas pelo reaquecimento da imprensa negra, jornais e periódicos tais como *Alvorada*, *A Tribuna Negra*, além das revistas *Senzala*, em São Paulo, e *Quilombo*, no Rio de Janeiro, entre outras. A autora registra que a convenção anual era realizada a cada 13 de maio na sede nacional em Porto Alegre e afirma que três fatores incidiram nesse florescimento: (a) o enfretamento das barreiras que impediam a inclusão política e a ascensão social; (b) o fortalecimento das organizações e das associações negras; e (c) a influência da luta mundial contra o racismo. Ou seja, a UHC buscava inserir os negros no “Estado-nação, a partir da participação igualitária nas instâncias de poder nacionais” (SILVA, 2003, p. 232). Na capital gaúcha, se somava à atuação da UHC o prestígio dos clubes Satélite Prontidão, Sociedade Floresta Aurora e Náutico Marcílio Dias, legitimados junto à comunidade negra e respeitados pelos demais cidadãos, repercutindo no apoio a Carlos Santos, deputado negro com mandatos estaduais de 1950 a 1974 e federal em 1975. Nesse mesmo período, é criado na capital o Centro Literário de Estudos Afro-Brasileiros

(SILVA, 2003; DOMINGUES, 2007), e, em 1958, é realizado o “Primeiro Congresso Nacional do Negro, organizado pela Sociedade Beneficente Floresta Aurora” (GOMES, 2009, p. 1).

O período foi fértil e profícuo em eventos, encontros, convenções e criação de centros de cultura e de formação, difundidos e espalhados por toda a nação. Dentre as várias iniciativas, se destaca a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN) no Rio de Janeiro em 1944, concebido pelo antropólogo Abdias Nascimento, o qual, na década de 70, viria a servir de inspiração à militância do Grupo Palmares de Porto Alegre.

O TEN tinha como propósito a formação de um grupo só de atores negros, visando, por meio da educação, da cultura e da arte, “resgatar os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante” (NASCIMENTO, 2004, p. 210). Nesse ínterim, a fundação acaba adquirindo abrangência maior no seu propósito a partir da organização de outros eventos de valorização e manutenção da cultura negra na sociedade. Em 1949, foi fundado o Instituto Nacional do Negro (INN), departamento de estudos e pesquisas que, “a cargo do sociólogo Guerreiro Ramos, realizava nos seus seminários de grupo-terapia um trabalho pioneiro de psicodrama, visando desenvolver uma terapia para a consciência dilacerada do negro vitimado pelo racismo” (NASCIMENTO, 2004, p. 223).

No início da década de 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) patrocinou um conjunto de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, com a participação de Florestan Fernandes, Roger Bastide, Luiz de Aguiar Costa, Oracy Nogueira, Thales de Azevedo, Charles Wagley, René Ribeiro, Marvin Harris, entre outros.<sup>12</sup> Tardiamente, em 1951, foi aprovada a primeira lei antidiscriminação, conhecida como Lei Afonso Arinos, muito embora desde 1945, logo após a realização da Convenção Nacional do Negro, tenha sido apresentado um projeto de Lei à Assembleia Nacional Constituinte. Domingues (2007) analisa que o “movimento negro ficou isolado politicamente naquele momento, não podendo contar efetivamente com o apoio das forças políticas, seja da direita, seja da esquerda marxista” (DOMINGUES, 2007, P. 110).

Para Gomes (2009), no final da década de 50, o Brasil vivia a empolgação do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), de progresso e de interiorização do país. Seu lema “50 anos de progresso em 5 anos de realizações” se materializou com a inauguração da nova capital, Brasília, em 1960. O eixo Rio-São Paulo, foco principal dos processos de modernização estrutural nacional, concentrava o maior número dos investimentos econômicos e de urbanização, além de atrair para si as atenções do movimento de êxodo rural, se tornando o

---

<sup>12</sup> A questão racial no Brasil nos anos 50. Disponível em: <<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/SegundoGoverno/QuestaoRacial>>> Acesso em: 26 ago. 2018.

destino de grande parte da população brasileira migrante. Porto Alegre, por sua vez, também desponta nesse cenário nacional ao receber, em 1958, o “Prêmio de Maior Progresso, concedido pelo Palácio do Catete através do IBAM - Instituto Brasileiro de Administração Municipal” (GOMES, 2009, p. 4).

Frente a esse contexto, o golpe militar de 1964 provocou um recuo no transcurso democrático que envolvia o país, impondo mais uma vez ao povo brasileiro os percalços sociais causados por uma ditadura, refletidos em um ciclo vicioso fundado em violência, repressão e supressão de direitos. De acordo com Domingues (2007), em função da perseguição política aos militantes, os avanços concernentes à conquista de direitos contra o preconceito racial são desmantelados do mesmo modo que os debates sobre temas de interesse social caem na ilegalidade e no ostracismo.

[...] representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do “preconceito de cor” no país. Como consequência, o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil. (DOMINGUES, 2007, p. 111).

Nessa perspectiva, em 1969, o Decreto nº 65.810 (BRASIL, 1969, NP) “promulga a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial”. No entanto, essa normativa era usada pelos órgãos de segurança contra os movimentos negros sob a acusação de que estes, ao discutir a temática, incitavam a discriminação e a desordem pública e de que aqueles, em intensa repressão, definiam quaisquer ações como coisa de “vermelhos disfarçados de pretos” (CARDOSO, 2002, p. 37).

### ***3ª Fase do Movimento: da Redemocratização à República Nova (1978-2011)***

Mesmo diante do clima de terror no período que antecedeu 1978, marco da insurgência do Movimento Negro Unificado, há narrativas de reorganização espalhadas pelo país por grupos que pouco a pouco almejavam a retomada dos debates e das lutas de oposição ao preconceito racial, mesmo que timidamente e de maneira quase clandestina. Cardoso (2002) sublinha as tentativas de rearticulação empreendidas no início da década de 70:

Os primeiros grupos que retomam o processo histórico das lutas travadas pelo povo negro, mesmo sendo extremamente submetidos ao clima de opressão daquela época, puderam começar um movimento social baseado num discurso e uma prática que visavam autoafirmação e a recuperação da identidade étnica e cultural. (CARDOSO, 2002, p. 35).

Em face dessa análise, notabilizam-se, entre outras, as criações do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN) na cidade de São Paulo em 1972, do Centro de Estudos Afro-Asiáticos no Rio de Janeiro e da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB) em Salvador, ambas em 1974. No mesmo ano, na cidade de Salvador, é registrado o surgimento do

Bloco Afro Ilê Aiyê, cujo esforço para evidenciar a cultura e a identidade negras “provocou as mais diversas reações de setores brancos racistas, publicadas pela imprensa de Salvador” (CARDOSO, 2002, p. 36).

Em 1975, acontece a Semana de Estudo sobre o Negro, promovida pelo Grupo de Trabalho André Rebouças no Rio de Janeiro e também pelo Instituto de Pesquisa de Culturas Negras (IPCN), de cuja dissidência se originou, em 1976, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, naquela cidade. Cardoso (2002) informa que nesse ano de 1976 a historiadora Lélia Gonzalez ministrou o primeiro curso de Cultura Negra no Brasil. Destarte, nessa época, começou a germinar a ideia de um movimento em prol da cultura e da identidade negras em nível nacional. Em nível internacional, Domingues (2007) destaca as lutas que influenciaram os ativistas naquele momento pelos direitos civis dos afro-americanos, dentre os quais é imprescindível ressaltar a importância de Martin Luther King, de Malcon X e dos Panteras Negras, além dos movimentos de libertação dos países luso-africanos, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Angola.

Cardoso (2002) e Domingues (2007) enfatizam, igualmente, a explosão do movimento *Black-Soul* da juventude negra (inspirado pela *Soul Music* de James Brow), tanto no Rio quanto em Belo Horizonte, e também o papel de cunho revolucionário classista da Convergência Socialista<sup>13</sup> e de seu jornal *Versus* (1977-79) na eclosão do movimento em nível nacional. A militância negra estava afinada com outros setores da sociedade que clamavam pela igualdade de direitos, pela cessação da violência do Estado e pela anistia política. Os autores aludem aos acontecimentos daquele inverno de 1978 em São Paulo, resgatando que, no dia 18 de junho, em reunião na sede do CECAN, entidades representativas (particularmente do Rio de Janeiro e de São Paulo) decidiram pela criação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), com vistas à mobilização nacional das lutas contra o racismo.

A primeira atividade pública foi um ato de protesto nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, em 7 de julho, no qual se denunciavam a morte dos operários Robson Silveira da Luz e Newton Lourenço e a discriminação sofrida por quatro atletas negros no Clube Regatas Tietê. O ato reuniu mais de três mil pessoas. Domingues (2007) assevera que:

Uma Carta Aberta, distribuída à população, concitava os negros a formarem Centros de Luta nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de candomblé e umbanda, nos locais de trabalho e nas escolas, a fim de organizar a peleja contra a opressão racial, a violência policial, o desemprego, o subemprego e a marginalização da população negra (DOMINGUES, 2007, p. 114).

---

<sup>13</sup> Convergência Socialista: movimento marxista de orientação trotskista (DOMINGUES, 2007, p.112).

O 7 de julho, consoante assertiva de Cardoso (2002), foi tomado como o *Dia Nacional de Luta contra o Racismo*, e o autor descreve as assembleias realizadas naquele período. Na primeira, no dia 23 de julho, denominou-se o movimento de Movimento Negro Unificado (MNU). Na segunda, realizada no Rio de Janeiro nos dias 9 e 10 de setembro, foram aprovados a *Carta de Princípios*, o *Estatuto* e o *Programa de Ação*. E, na terceira Assembleia Nacional, de 4 de novembro, o MNU aprovou o dia 20 de novembro como o *Dia Nacional da Consciência Negra*, convencionando, em nível nacional, a resolução do Grupo Palmares, que a implementava desde 1971, conforme se descreve adiante.

Cardoso (2002) e Domingues (2007) relembram que o MNU, distintamente dos fazeres em períodos anteriores, expõe claramente a interface com a política e o interesse com o poder instituído. Representa um dos grandes marcos de resistência no período da ditadura militar.

Na década de 80, não obstante às peculiaridades de cada região, o MNU se estende por todo país, conforme registros de Cardoso (2002) e Domingues (2007), engajado na causa da consciência negra, agora princípio fundante que estimulava e justificava a luta das pessoas no tocante às questões raciais. Asseveram os autores que, com essa postura, o MNU buscou garantir células de engajamento principalmente na Assembleia Constituinte, visando assegurar direitos. Esse engajamento culminou na Constituição de 1988 com a redação de artigos que tornavam a prática de racismo em crime inafiançável. Além, garantiu a proteção de comunidades quilombolas. Outro destaque foi a Grande Marcha da Abolição, realizada em 11 de maio de 1988 no Rio de Janeiro, em contraponto às comemorações oficiais dos 100 anos da assinatura da Lei Áurea.

No início dos anos 1990, o MNU vai sendo aos poucos substituído por outras instituições, fundações, ONGs e iniciativas nas esferas governamentais. Nesta década, os autores realçam a Marcha Zumbi dos Palmares, Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, no dia 20 de novembro de 1995 em Brasília. Seus representantes peticionavam ao governo federal a criação de políticas de promoção da igualdade social. Em 1996, o governo instituiu o Programa Nacional de Direitos Humanos.

A partir dos anos 2000, observa-se a homologação das leis de salvaguarda à promoção de ações afirmativas, entre elas: a inclusão do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das Redes de Ensino; a adoção de política pública de cotas para negros nas universidades públicas brasileiras; a proteção e a demarcação de áreas quilombolas; a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, ligada à Presidência da República; a convocação da II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial; e a criação do Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR). Ocorrem, além, a

instituição do Estatuto da Igualdade Racial e a fixação do dia 20 de novembro como Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, pela Lei 12.519/2011.

## **GRUPO PALMARES E O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA – 20 DE NOVEMBRO**

Como se depreende, no que concerne ao estabelecimento do Dia da Consciência Negra, foi um longo e extenso percurso concebido pelo Grupo Palmares de Porto Alegre em 1971, asseverado a nível nacional em 1978 pelo MNU e validado legalmente em 2011 pela implantação de várias políticas de ação afirmativa. Por tudo isso, reitero a frase de Cardoso (2002), na introdução de sua obra, de que “o nosso futuro é cada vez mais o nosso passado” (p. 13), acreditando na premissa de ser vital olhar o caminho já percorrido para que possamos apreender o presente e projetar o trajeto a ser desbravado. Foi mister, neste trabalho, procurar as origens do Grupo Palmares não somente no recorte do início dos anos 70, mas buscar entender a conjuntura que o levou a se formar um ator de destaque na batalha travada contra o racismo no país durante longos e árduos anos.

O presente artigo apresenta um esboço breve da memória das lutas negras, mas que nos permite compreender da inspiração de Oliveira Silveira às ações gloriosas que o antecederam, por meio de três de seus poemas. Podemos citar a linhagem dos Lanceiros Negros, o Almirante Negro - João Cândido, a Irmandade do Rosário, a criação dos “Clubes de Negros”, a União dos Homens de Cor. Em todos os citados se evidencia a distinção gaúcha abrindo caminhos, inspirada e inspirando outras narrativas.

Não obstante esses fatos, o marco histórico de 1978 tende a focar os principais acontecimentos tão somente no eixo Rio-São Paulo, minimizando ações e iniciativas que se produziam ou se sucediam em outros estados da nação, fato que pode ter contribuído de alguma maneira para falares estereotípicos semelhantes a “no Rio Grande do Sul, a população negra não é significativa” ou, ainda, que “esta região do país é, acima de tudo, de descendentes de europeus”. No entanto, segundo Bernd&Bakos (1991), às vésperas da abolição, o estado era tido como uma das províncias com um expressivo número de mão de obra escravizada.

À medida que a temática da consciência negra vai ganhando centralidade na discussão do protagonismo da alteridade do povo negro, a academia vem, nos últimos tempos, sobretudo após a homologação da Lei 12.519/2011, descobrindo e resgatando a importância do Grupo Palmares de Porto Alegre no pioneirismo do movimento, seja no período da ditadura, seja no imediatamente pós-ditadura. Isso pode ser constatado com o aumento do número de produções acerca dessa temática.

### **Grupo Palmares de Porto Alegre/RS**

A façanha do Grupo Palmares conquista reconhecimento e chama atenção pela ousadia, ante o clima vigente à época de sua atuação. Domingues (2007) ressalta a restrição e a repressão das discussões. No que se refere às dificuldades, Henrique Cunha Jr. cita que “tínhamos três tipos de problemas, o isolamento político, a ditadura militar e o esvaziamento dos movimentos passados. Posso dizer que em 1970 era difícil reunir mais que meia dúzia de militantes do movimento negro” (CUNHA JR, 1992 *apud* DOMINGUES, 2007, p. 111).

Campos (2010) analisa que a solução que os grupos encontraram foi, de alguma maneira, assegurar a legalidade das ações, e complementa com as afirmativas de Munanga acerca desses motivos:

Os negros que retomam a luta antirracista nos anos 70 buscam referência nos movimentos anteriores, como a Frente Negra e a União dos Homens de Cor, no pan-africanismo, no Negritude e nas guerras de descolonização. No entanto, contrariamente aos movimentos anteriores cuja salvação estava na assimilação do branco, ou seja, na negação de sua identidade, eles investem no resgate e na construção de sua personalidade coletiva (MUNANGA, 1996 *apud* CAMPOS, 2010, p. 232).

Dessa maneira, o que estava no centro do debate era a indagação das origens africanas como eixo para a afirmação de uma autêntica identidade negra. Ou seja, a inclusão estava na diferenciação, era preciso diferenciar para incluir, motivação essa que congregou os jovens negros de Porto Alegre, instigados, além do mais, pelas atividades dos “clubes negros” da cidade.

Silveira (2007) relata que foi por intermédio de Antônio Carlos Côrtes que passou a frequentar a Rua da Praia (oficialmente Rua dos Andradas), em frente à Casa Masson<sup>14</sup>. Tratava-se de um grupo informal que ficava por ali e que “nas conversas, a República, o Reino, o Estado, os quilombos de Palmares (Angola Janga) foi o que logo despontou na vista d'olhos sobre os fatos históricos” (SILVEIRA, 2003, p. 24). Neste ínterim, Oliveira Silveira já havia lançado o livro *Banzo Saudade Negra* (1969), no qual consta o poema *Treze de Maio*.

Em consonância ao relato de Silveira (2003), germinou nos rapazes a ideia de uma associação cultural voltada para estudos, literatura e teatro, “afinal, estavam bem presentes e atuantes os exemplos do Teatro Experimental do Negro (TEN), a militância de Abdias do Nascimento, os exemplos do poeta Solano Trindade e do Teatro Popular Brasileiro” (SILVEIRA, 2003, p. 25). A primeira reunião foi por volta de 20 de julho de 1971, com a participação de Antônio Carlos Cortes, Ilmo da Silva, Oliveira Silveira e Vilmar Nunes. A partir da segunda reunião também compõem o grupo Anita Leocádia Prestes Abad e Nara Helena

---

<sup>14</sup> Casa Masson trata-se de uma famosa relojoaria que existiu em Porto Alegre.

Medeiros Soares. Essas seis pessoas são consideradas as fundadoras do grupo. Nessa ocasião, o coletivo afirmou a denominação Palmares para si, por entender que “Palmares era a passagem mais importante da história do negro no Brasil” (SILVEIRA, 2007, p. 2919). A esse respeito, Campos (2010) esclarece o seguinte:

Nesse processo, o Grupo Palmares deve ser percebido como um catalisador das demandas que pertenciam a toda comunidade negra porto-alegrense. Os elementos simbólicos tiveram que ser reelaborados e a partir deles foram buscadas outras referências para se construir novos parâmetros de identidade. O processo de ressignificação se deu através da proposta de revisão histórica, feita pelo grupo, e da tradução de influências vindas da diáspora negra. (CAMPOS, 2010, p. 233).

Em 1971, o grupo realizou três eventos: homenagem a Luís Gama, em 23 de julho, na Sociedade Floresta Aurora; homenagem a Jose do Patrocínio, em outubro, na Sociedade Floresta Aurora; e a primeira convocatória para homenagem a Palmares, realizada no Clube Náutico Marcílio Dias em 19 de novembro. Para este ato, o grupo foi intimado à sede da Polícia Federal, obtendo liberação da censura somente no dia 18, após apresentação da programação completa e análise por parte do órgão.

Silveira (2003) relata que o jornal Folha da Tarde, de 23 de agosto de 1971, página 54, noticiou a homenagem a Luiz Gama, a partir de comunicado enviado pelo grupo, e anunciou os atos de outubro e novembro. No mesmo sentido, o jornal Correio do Povo, em 22 de agosto do mesmo ano, publicou artigo seu sob o título “Luiz Gama e as Trovas Burlescas” (SILVEIRA, 2003, p. 27). O Correio do Povo de 21 de novembro divulgou, em sua edição de domingo, o artigo *A epopeia dos Palmares*, também de sua autoria. No ano seguinte, o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, publicou sete páginas sobre Palmares no suplemento especial, em 19 de novembro, o que, segundo Campos (2010, p. 239), “respaldou as ações do grupo em nível estadual”.

Silveira (2007) retrata que em 1973 o grupo realizou o show musical *Do Carnaval ao quilombo*, no (atual) Teatro de Câmara Túlio Piva, a palestra do autor Décio Freitas e a exposição *Três pintores negros: Magliane, Paulo Chimendes e J. Altair*. Em 1974, foi publicado um manifesto no Jornal do Brasil, no qual o Grupo Palmares “sugeriu expressamente a revisão dos livros didáticos quanto à história do negro e indicou bibliografia” (SILVEIRA, 2007, p. 4208). No que concerne a essa sugestão, Silveira (2007) lembra os célebres embates do Teatro Experimental do Negro e do jornal Quilombo, da Frente Negra Brasileira, e da mesma maneira as denúncias do jornal O Exemplo, de Porto Alegre.

A partir de 1973 as ações do grupo começaram a ter repercussão nacional (SILVEIRA, 2007; CAMPOS, 2010), destacando-se o período de 1975 a 1976, no qual foram realizadas ações evocativas. Em São Paulo ocorreu a Semana do Negro pelo CECAN. Em Campinas, a II

Semana do Negro e a Semana do Negro de Zumbi pelo Teatro de Evolução. No Rio de Janeiro, atividades promovidas pelo IPCN, cujos dirigentes haviam visitado o grupo Palmares na capital gaúcha em 1974.

No ano de 1975, o evento comemorativo ao dia 20 de novembro foi marcado pelo Encontro do Grupo Palmares com o Grupo Afro-Sul (SILVEIRA, 2003), e em 10 e 16 de dezembro Décio Freitas proferiu duas palestras. Ambos os eventos ocorreram no Clube de Cultura, associação judaica. No ano seguinte, foi lançado na sociedade negra Nós os Democratas o livreto *Mini-história do negro brasileiro*.

Em 1977, foi realizado ato com exposição da minibiblioteca do Grupo Palmares na Associação Satélite-Prontidão, tendo como convidado especial o escritor negro paulista Oswaldo de Camargo, autor do livro de contos *O carro do Êxito*. Teve, também, apresentações dos Grupos Afro-Sul e Nosso Teatro, este atual Grupo Cultural Razão Negra. Em 3 de agosto de 1978 o grupo encerrou a sua primeira fase. Alguns de seus membros integraram o GT Palmares do MNU-RS na década de 80. Outros participaram do editorial da revista *Tição*, entre eles Oliveira Silveira. A partir de 1988, ramifica-se em variados grupos e ações.

### ***A afirmação do 20 de novembro para a identidade negra***

Um dos componentes do Grupo Palmares, Jorge Antônio dos Santos, era um crítico ferrenho ao normatizado e cerimonioso 13 de maio, Dia da Abolição. A argumentação se baseava no fato de a data não representar as glórias ou as conquistas do povo negro. Asseverava-se que se configurava como uma data evocativa do apagamento da memória negra no país, enaltecendo, exaltando e reverenciando a ideia de uma liberdade benevolente e doada aos negros. Logo, um dos propósitos do grupo era resgatar a narrativa da importância do negro no Brasil. Desse modo, foi decidido organizar a discussão e, nesse intuito, pesquisar uma data que fosse realmente significativa à comunidade negra para servir como instrumento de afirmação afro-centrada.

Segundo Silveira (2003), na época circulava o fascículo Zumbi. O nº 6 da série Grandes Personagens da Nossa História, da Abril Cultural, contava a vida e a morte, em 20 de novembro, de Zumbi, líder e herói do Quilombo dos Palmares. No entanto, a revista não poderia ser tomada como referência acadêmica por interessados. Então Oliveira Silveira encontra dois livros em suas pesquisas: *O quilombo dos Palmares*, de Édison Carneiro, publicado em 1947 pela Editora Brasiliense, de São Paulo, e *As guerras nos Palmares*, do português Ernesto Ennes, editado em 1938 pela Companhia Editora Nacional de São Paulo (SILVEIRA, 2003, 2007). Neles se confirmava o 20 de novembro como data da morte de Zumbi. A partir desses achados, Silveira afirma que “tinha-se uma data, e ela foi sugerida, como possibilidade de celebração em

contraponto ao treze de maio” (2003, p. 23). Silveira assim caracteriza a mudança da data comemorativa do povo negro para o dia 20 de novembro:

Parece lícito dizer que estava delineada uma precária, mas deliberada ação política no sentido de apresentar, à comunidade negra e à sociedade em geral, alternativas de datas, fatos e nomes, em contestação ao oficialismo do 13 de maio, abolição formal da escravatura, princesa dona Isabel. (SILVEIRA, 2003, p. 27).

A esse respeito, Campos (2010) reverbera o pensamento de Nascimento (1981) ao refletir que as forças de segurança, os intelectuais ligados ao regime e os defensores da historiografia tradicional não dimensionaram a extensão do que estava ocorrendo, “Não apreenderam, portanto, a verdadeira dimensão subversiva da proposta, que culminou com a reorganização dos negros brasileiros em torno da ideia ressignificada de quilombo” (CAMPOS, 2010, p. 242). Nessa acepção, a página inicial do Sistema de Informações do Arquivo Nacional registra que “mesmo após o fim da ditadura, o Exército investigou o movimento negro e o acusou de ‘denúncia infundada do racismo’ no Brasil”<sup>15</sup>. Na década de 80, as manifestações e os movimentos seguiam sendo monitorados em diversas ocasiões, sendo produzidos relatórios variados e contínuos sobre o movimento.

Abaixo, a reprodução da fala de Firmo Rodrigues da Trindade<sup>16</sup>, em 20 de novembro de 1980 no Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, ocasião em que o Movimento Nacional da Consciência Negra da Grande Porto Alegre iniciou seu ciclo de debates sobre questões da raça negra. Os oradores discutiram “a marginalização, a discriminação e a segregação da raça negra no Brasil, e em particular no Rio Grande do Sul”. Essa fala foi escolhida, na medida em que representa e sintetiza o pensamento gaúcho:

(1) *FIRMO RODRIGUES DA TRINDADE* discorreu sobre ZUMBI e JOÃO CÂNDIDO, este da revolta das CHIBATAS, dizendo que foram líderes revolucionários, portanto não se curvaram à prepotência, então maior do que a de hoje. Continuando, disse FIRMO, que nós devemos combater quatro sistemas: o econômico, o social, o político e o racial, para derrubar este Governo; que o negro deve ser autônomo, mas não independente, pois nós todos pertencemos à camada dos oprimidos, dos marginalizados; que os pobres são a maioria, assim, devemos tomar o poder, econômico e o político, para termos uma vida digna e distribuição igualitária da renda.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Negação da História, escrito por Mirian Lopes Cardia, 2017. Disponível em: <<<http://www.arquivonacional.gov.br/br/na-midia/802-negacao-da-historia.html>>> Acesso em: 13 ago. 2018.

<sup>16</sup> Líder sindical e ativista político, nascido em Rivera (Uruguai) em 1926 e falecido em Porto Alegre em 2016, emblematicamente, em um 13 de maio.

<sup>17</sup> Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Disponível em: <<[http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1918466&v\\_aba=1](http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1918466&v_aba=1)>> Acesso em: 13ago. 2018.

## REPRESENTAÇÕES DE UMA IDENTIDADE NEGRA: OLIVEIRA SILVEIRA E OS POEMAS *ENCONTREI MINHAS ORIGENS*, *TREZE DE MAIO E VINTE DE NOVEMBRO*

Oliveira Silveira tem sua origem no pampa gaúcho, sendo a partir do regional que o autor constrói uma linguagem plural e impregnada de outras paisagens do cenário brasileiro, de caatingas, cerrados e montanhas. É nessa diversidade de cores e perspectivas que seu modo de se comunicar atinge mentes e corações em vários cantos do país e do mundo. A poética de Oliveira Silveira não é apenas a arte de fazer versos, mas a astúcia de revelar conceitos com a forma mais honesta de ler a vida e retratar seus fatos. Nesse formato, entrelaça com destreza a inspiração de seu trajeto pessoal com a intuição das palavras, restando para si nada mais do que se converter em universal e eterno.

### *Gaúcho? Castelhana? Africano? Brasileiro!*

O poeta nasceu em 16 de agosto de 1941, no distrito de Touro Passo, área rural de Rosário do Sul, município situado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, e faleceu no dia 1º de janeiro de 2009, em Porto Alegre, aos 67 anos, iconicamente no dia consagrado à Paz Mundial. Tal como se apresentava e se autodenominava, era “filho de Felisberto Martins Silveira, branco brasileiro de pais uruguaios e de Anair Ferreira da Silveira, negra brasileira de cor preta, de pai e mãe negros gaúchos”<sup>18</sup>. Amaro Silveira, irmão de Oliveira, revela:

(2) *É uma miscigenação uruguaia e africana. Por parte do pai é origem uruguaia e da parte da mãe é que a origem é africana. Embora ele também tivesse bastante carinho com o pai, ele procurou saber mais da parte negra da família*<sup>19</sup>.

Suely Oliveira, irmã do poeta, relembra que Oliveira estudou na Serra do Caverá até a 5ª série, no galpão que o pai montou para os meninos estudarem<sup>20</sup>. Depois foi para Rosário se preparar para o exame de admissão ao ginásio, exigência para continuidade dos estudos, no que é hoje conhecido como Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos). Um amigo de Oliveira chamado Alsom Silva<sup>21</sup> lembra que naquele tempo este era o curso maior da cidade, depois do qual havia outra encruzilhada: voltar para a zona rural, permanecer em Rosário ou seguir outro curso fora

<sup>18</sup> Oliveira Silveira por Oliveira Ferreira da Silveira. Disponível em: <<<https://www.geledes.org.br/oliveira-silveira>>> Acesso em: 14 ago. 2018.

<sup>19</sup> Entrevista feita com Amaro Silveira, irmão de Oliveira Silveira, para o vídeo-documentário SOU. Parte integrante do Projeto RS Negro: Educando para a Diversidade, 2010. Disponível em: <<[www.pucrs.br/faced/educomafr](http://www.pucrs.br/faced/educomafr)>> Acesso em: 14 ago. 2018.

<sup>20</sup> Entrevista feita com Suely Oliveira, irmã de Oliveira Silveira, para o vídeo-documentário SOU. Parte integrante do Projeto RS Negro: Educando para a Diversidade, 2010. Disponível em: <<[www.pucrs.br/faced/educomafr](http://www.pucrs.br/faced/educomafr)>> Acesso em: 14 ago. 2018.

<sup>21</sup> Entrevista feita com Alsom Silva, amigo do Ginásio, para o vídeo-documentário SOU. Parte integrante do Projeto RS Negro: Educando para a Diversidade, 2010. Disponível em: <<[www.pucrs.br/faced/educomafr](http://www.pucrs.br/faced/educomafr)>> Acesso em: 14 ago. 2018.

dali. Em 1959, Oliveira e ele foram para Porto Alegre fazer o Ensino Clássico, (denominação da época ao atual Ensino Médio), no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, e em 1965 Oliveira Silveira se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É nessa época, também que Oliveira Silveira vem a constituir sua família.

Uma das primeiras definições que eu fiz, à medida que comecei a me reconhecer como negro, foi formar uma família negra, com uma mulher negra. E aí acabei conhecendo minha esposa e casamos um tempo depois. Nos conhecemos na universidade. Casamos e tivemos uma filha (SILVEIRA, 2007, p. 2875).

Em janeiro de 2001 na Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre, em um encontro com o repórter Jader Nicolau Jr<sup>22</sup>, Oliveira Silveira recordou a influência de sua terra natal em sua escrita:

(3) *A literatura surgiu em minha vida na época em que ainda morava em Rosário. Minha infância foi marcada pela poesia popular, quadrinhas e versos de polca entoados durante os bailes campeiros. Ritmos típicos do meio rural gaúcho. É um momento especial, onde as mulheres tiram os homens para dançar e aí se cantam versos, o par diz uma quadrinha um para o outro, começando pelo rapaz e respondida pela moça. Também me lembro dos "causos" contados pelos mais velhos na cozinha, ao redor do fogareiro. Essas narrativas são um substrato da minha literatura. Mais adiante tive contato com livros e comecei a escrever. Em 1958 publiquei meu primeiro poema, num jornal de Rosário. Isto foi muito importante para o início de minha carreira. A partir dos estímulos recebidos de amigos continuei a escrever poemas regionalistas, que marcam até hoje meu estilo. Não me desvinculei desta linguagem rural. Claro que depois experimentei outras tendências, até chegar na poesia negra, na medida em que me conscientizava. Esta consciência chegou bem tarde.*

Oliveira Silveira narrou à Amílcar Araújo Pereira, em dezembro de 2006 (em outro encontro acontecido na Casa de Cultura Mario Quintana), que conviveu bastante com o seu avô paterno, o “castelhano Nicácio”, e evocou “que a questão racial até passava ao largo, a ponto de nós não nos considerarmos negros [...] a questão racial vai surgir para mim muito mais tarde” (SILVEIRA, 2007, p. 1380).

No próximo item passo a analisar os poemas de Oliveira Silveira, com o intuito de, ao refletir sobre eles, mostrar a sua importância enquanto representação de um sentimento do descobrir-se negro, mas também a influência deles no processo de consciência crítica de tantos outros negros durante o processo de construção e afirmação do 20 de novembro como dia da Consciência Negra. Antes, contudo, acho importante trazer à tona um pouco de sua trajetória enquanto profissional das Letras, para que possamos entender em quais conceitos e autores ele se apoia e se inspira para se constituir um intelectual atuante, ou, na acepção de Gramsci (por que não dizer?), um intelectual orgânico.

---

<sup>22</sup> O poeta Oliveira Silveira. Disponível em: <<<http://www.portalafro.com.br>>> Acesso em: 15 ago. 2018.

Oliveira Silveira trabalhou como professor de português e literatura no Ensino Médio e, a partir de sua formatura, tal qual descreve Alsom Silva, passou a conviver com áreas intelectualizadas, que questionavam a presença e o sentido do negro no Brasil, destacando-se a passagem que segue:

(4) *Ele passou a ligar as suas raízes, que sempre foram muito forte para o Oliveira com as suas origens maiores e a projetar através de sua poesia este sentimento que não era mais de sua terra, mas era um sentimento que se ligava a história do negro no Brasil.*

Silveira (2007) chamou a atenção para esse processo ao ler, ainda na universidade, Reflexões sobre o Racismo, de Jean Paul Sartre, em especial, a segunda parte, Orpheu Negro, na qual Sartre apresenta a Antologia da Poesia Negra e Malgaxe, de Leopold Sédar Senghor, político e poeta senegalês (1906-2001), reverberando em suas reflexões. Seguiram-se outros autores negros como Senghor, Aimé Césaire, Solano Trindade, Cruz e Souza, entre outros.

O poeta (2001)<sup>23</sup> sublinhou que, além de sua ligação com a política estudantil à época, estudar a história do negro no Sul o fez se deparar com a existência de grupos culturais, teatrais, políticos que não eram evidenciados nem nas escolas nem nos meios de difusão oficiais. Zilá Bernd<sup>24</sup>, pesquisadora em literatura, ao se referir ao perfil do poeta, acrescenta:

(5) *Oliveira queria realmente despertar nessa população negra um desejo de sentir-se em casa, na cultura negra e de expressar através de um eu poético uma afirmação de ser negro, de pertença a cultura negra, e que não exclui eu querer me afirmar, também, como gaúcho, que essa cultura afro vai fazendo um trançado com a cultura gaúcha, então ele faz essa dupla afirmação identitária através de sua poesia: como negro e como gaúcho.*

Em relação ao seu modo de ser, Terezinha Malaquias<sup>25</sup> relata:

(6) *Conheci o Poeta/Escritor Oliveira Silveira no final dos anos 80 em Petrópolis num Encontro de Escritores Negros. Foi profundo encantamento porque ele já tinha publicado muitos livros. Escrevia diariamente, revisava e retrabalhava sempre para melhorar a sua escrita.*

*Era um intelectual negro e operário da escrita que era também a sua arma de luta e combate contra o racismo tão presente, lamentavelmente, ainda hoje na nossa sociedade. [...] Sim, o Poeta Oliveira Silveira era generoso e compartilhava conhecimentos.*

*Corrigia meus textos de poeta iniciante e me incentivava a melhorá-los cada vez mais. Sou muita grata por ter conhecido o fundador do 20 de novembro e poeta de muitas obras. Talvez a que mais me marcou seja o livro Poema Sobre Palmares. [...] As futuras gerações precisam saber e conhecer quem veio primeiro e o que fizeram. Oliveira Silveira é luta e resistência. Sem perder jamais a poesia.*

<sup>23</sup> O poeta Oliveira Silveira. Disponível em: <<<http://www.portalafro.com.br>>> Acesso em: 15 ago. 2018.

<sup>24</sup> Vídeo-documentário SOU. Parte integrante do Projeto RS Negro: Educando para a Diversidade, 2010. Disponível em: <<[www.pucrs.br/faced/educomafro](http://www.pucrs.br/faced/educomafro)>> Acesso em: 14 ago. 2018.

<sup>25</sup> Poeta, Escritora, Artista Visual e Performer, atualmente vivendo na Alemanha, em depoimento direto à Denise Nonoya por meio digital, em 06 ago. 2018.

Por tudo o que foi dito de Oliveira Silveira, é possível concluir que seu processo de reflexão foi marcado por leituras e movimentos que reverberaram na sua forma de pensar e atuar. Segundo Chartier, “a aceitação dos modelos e das mensagens propostas opera-se por meio de arranjos, dos desvios, às vezes das resistências, que manifestam a singularidade de cada apropriação” (CHARTIER, 1998, p.20). O poeta não aceitou a história oficial e, pouco a pouco, foi construindo sua apropriação singular, tirando proveito de todos os espaços e ferramentas disponíveis para socializá-las, para influir para a solidificação de uma resistência em contraposição à forma cruel e dissimulada com que foi instituída a liberdade dos negros no Brasil. Oliveira Silveira sustentou um novo discurso de maneira a se tornar também histórico, de maneira a dar afirmação à nova representação dos fatos que era posta à mesa.

### ***Os Poemas***

#### *Encontrei minhas origens*

#### **Encontrei minhas origens**<sup>26</sup>

Encontrei minhas origens  
Em velhos arquivos  
...livros  
Encontrei em malditos objetos  
Troncos e grilhetas  
Encontrei minhas origens no Leste  
No mar em imundos tumbeiros  
Encontrei  
Em doces palavras  
...cantos  
Em furiosos tambores  
...ritos  
Encontrei minhas origens  
Na cor de minha pele  
Em mim  
Em minha gente escura  
Em meus heróis altivos  
Encontrei  
Encontrei-as enfim  
Me encontrei

O poema *Encontrei minhas origens* faz parte do livro Roteiro dos Tantãs, publicado em 1981, fase madura do poeta, em que ele está inteiramente engajado com o Movimento Negro e com as ações de afirmação da cultura negra. As palavras dessa poesia refletem o caminhar de Oliveira, o começo da descoberta de sua negritude, do sofrimento desse reconhecimento e da diversidade fruto de sua história de vida. Retrata o processo de construção de sua identidade negra e de sua ação no coletivo.

---

<sup>26</sup> Oliveira Silveira: obra reunida, p. 249. Literafro. Disponível em: <<www.lettras.ufmg.br/literafro>> Acesso em: 19 jul. 2018.

Quando me refiro à construção de identidade, vou buscar em Nascimento (2003) os conceitos de identidade e identificação, que a mesma considera como a mutualidade entre a conexão da dimensão individual correlacionada com as dimensões da sociedade e da cultura. A autora faz referência a Ricardo Franklin Pereira ao considerar a identificação como um processo dinâmico no qual “o indivíduo se referencia e constrói a si mesmo e a seu mundo, dando-lhe um sentido de autoria” (PEREIRA, 1999 *apud* NASCIMENTO, 2003 p. 35).

À semelhança do movimento das ondas do mar, *Encontrei minhas origens* assim avança. Já no título é desperta a indagação do significado da palavra *origem*<sup>27</sup>, que pode ser, entre outros, o de início de uma ação que se prolonga no tempo ou a ascendência pessoal. Ambas as acepções parecem se fundir no poema, na medida em que a procura por seus antecedentes e o reconhecimento de si são o ponto de partida para a expressão pública na identificação de seus iguais. Ou seja, o que lhe vai dando “o sentido de autoria” e de existir na vida na sua mais pura essência.

Transitando entre a incerteza e o espanto da descoberta, cresce também a indignação do espólio. O escritor denuncia o apagamento de sua origem negra em *velhos arquivos* sepultados, metáfora do esquecimento de si nos sótãos da memória e da negação do reconhecimento público da jornada histórica de seu povo. Traz a diáspora cruel e injusta de cujas cultura e tradição furiosamente resistiram. Dessa maneira, a revolta da exclusão transmuta na doçura inerente de ser e no orgulho de se sentir acolhido junto aos seus. E é, por isso mesmo, sinônimo de luta afirmativa e enfrentamento consciente.

“Reivindicar uma identidade é construir poder” (CASTELLS, 1999 *apud* NASCIMENTO, 2003, p.41). Oliveira Silveira fez isso com sua caneta e seu discernimento, com os quais suas palavras eram mais do que poesia. Eram, antes, expressão em dimensão política.

### *Treze de Maio*

#### **Treze de Maio**<sup>28</sup>

Treze de maio traição,  
Liberdade sem asas  
e fome sem pão.  
Liberdade de asas quebradas  
como  
..... este verso.  
Liberdade de asa sem corpo:  
sufoca no ar,  
se afoga no mar.

<sup>27</sup> Disponível em: <<<https://www.dicio.com.br/origem/>>> Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>28</sup> Oliveira Silveira: obra reunida, p. 249. Literafro. Disponível em: <<[www.letras.ufmg.br/literafrro](http://www.letras.ufmg.br/literafrro)>> Acesso em: 19 jul. 2018.

Treze de maio-já dia 14  
o Y da encruzilhada:  
seguir  
banzar  
voltar?  
Treze de maio-já dia 14  
a resposta gritante:  
pedir  
servir  
calar.  
Os brancos não fizeram mais  
que meia obrigação.  
O que fomos de adubo  
o que fomos de sola  
o que fomos de burros cargueiros  
o que fomos de resto  
o que fomos de pasto  
senzala porão e chiqueiro  
nem com pergaminho  
nem pena de ninho  
nem cofre de couro  
nem com lei de ouro.  
O que fomos de seiva  
..... de base  
..... de Atlas  
o que fomos de vida  
..... e luz  
chama negra em treva branca  
..... quem sabe só com isto:  
que o que temos nós lutamos  
para sobreviver  
e também somos esta pátria  
em nós ela está plantada  
nela crispamos raízes  
de enxerto mas sentimos  
e mutuamente arraigamos  
... quem sabe só com isto:  
que ela é nossa também, sem favor,  
e sem pedir respiramos seu ar  
... a largos narizes livres  
bebemos à vontade de suas fontes  
... a grossas beiçadas fartas  
tapamos-destapamos horizontes  
... com a persiana graúda das pálpebras  
escutamos seu baita coração  
... com nosso ouvido musica  
e com nossa mão gigantes  
batucamos no seu mapa  
... quem sabe nem com isso  
e então vamos rasgar  
a máscara do treze  
para arrancar a dívida real  
com nossas próprias mãos.

Oliveira Silveira tinha 28 anos ao escrever Treze de Maio, publicado no livro Banzo-Saudade Negra, de 1969. Essa fase da escrita do autor coincide com seus

questionamentos fortes e postura sólida frente aos problemas do negro, conclusões essas tomadas a partir da leitura dos relatos de parentes, de amigos e do próprio poeta. Corresponde ao período imediatamente anterior à formação do Grupo Palmares, mas em que, já nesse momento, era denunciada a farsa do famigerado 13 de maio para a comunidade negra.

Do início ao fim do poema, Oliveira Silveira clama pela inserção e pelo reconhecimento de que os negros da diáspora africana são todos filhos desta terra, e, dessa maneira, avoca para si o drama coletivo do reconhecimento do protagonismo negro na constituição do Estado Brasileiro, pois, “*a grossas beiçadas fartas tapamos-destapamos horizontes...com a persiana graúda escutamos seu baita coração...*”. O poema é um manifesto ao denunciar a traição e a hipocrisia da forma como foi outorgada uma liberdade que, todavia, perpetuou os grilhões do cativo: “*Treze de maio traição, liberdade sem asas e fome sem pão. Liberdade de asas quebradas*”. Ao revelar o engodo nas tramas e retramas da história, Oliveira declara seus sentimentos e sua revolta com a historiografia oficial, afetos esses que, metamorfoseados, o instigaram ao jogo com as palavras numa alegoria de imagens, representações e simbolismo que promovem sua identificação com as lutas políticas e sociais.

Os conceitos de “ideologia da brancura” e “patologia social do branco” apresentados por Alberto Guerreiro Ramos são, segundo Maio (2015), ideais de enaltecimento da estética branca combinada à apologia do etnocentrismo europeu, que associam a cor da pele do negro a uma patologia a ser curada. Tais princípios estão contrapostos em toda a extensão do poema, que usa de características corporais como sendo traços que merecem destaque pelo simples fato de serem atributos específicos da cor da raça, que como todos os outros é simplesmente humano. Na citação de Guerreiro Ramos, é possível perceber esta lógica e influência na composição de *Treze de Maio*:

[...] sou negro, identifico como meu o corpo em que o meu eu está inserido, atribuo a sua cor à suscetibilidade de ser valorizada esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoal- eis aí toda uma propedêutica sociológica, todo um ponto de partida para a elaboração de uma hermenêutica da situação do negro no Brasil (GUERREIRO RAMOS, 1954a *apud* MAIO, 2015, p. 624).

Bertold Brecht (dramaturgo alemão, 1898-1956), o qual já constitui a esfera do domínio público intelectual, ensina que “todas as artes contribuem para a maior de todas as artes: a arte de viver”. O movimento negro soube usar das mais diversas expressões artísticas nos diferentes momentos de sua trajetória. Lembrou suas dores como meio de fortalecer a sua cor.

A poética de Oliveira apresenta uma linguagem aguda e contundente, mas que, ao mesmo tempo, se mostra carinhosa, calorosa e acolhedora, tal como os braços da pátria-mãe, que se abrem sempre que solicitados para receber o filho expurgado. Ao mesmo tempo em que reivindica seus direitos, ela reafirma que *também somos esta pátria, em nós ela está plantada*,

*nela crispamos raízes*, ou da qual, ainda, *bebemos à vontade de suas fontes*. E por acreditar ser verdade, propõe *arrancar a dívida real com as nossas próprias mãos*, aludindo aqui ao fato de a conquista da abolição ter sido apregoada à simples assinatura de uma princesa branca, cujo efeito impõe o esquecimento de todo o movimento ocorrido para esse fim por parte da comunidade negra ao longo de décadas.

Assim, esse poema é tributo físico, intelectual e de autovalorização do ser negro, tornando-se reflexo do homem negro Oliveira Silveira.

*Vinte de Novembro*

**Vinte de Novembro**<sup>29</sup>

Dia vinte de novembro,  
entre as palmeiras do Palmar,  
último grito de guerra no ar.

Dia vinte de novembro,  
entre as montanhas do Palmar,  
os duros músculos do herói  
guiando seu braço ágil  
na luta desigual.

Dia vinte de novembro,  
entre os riachos do Palmar,  
o sangue-húmus de Zumbi  
derramando-se no chão  
para fertilizar.

Dia vinte de novembro,  
entre mensagens do Palmar,  
tambores de orgulho e brio  
conclamando a lutar.

O poema *Vinte de Novembro*, do livro *Roteiro dos Tantãs*, publicado em 1981, em contraponto ao *Treze de Maio*, é uma poesia de alegria. Simboliza o anseio da liberdade e celebra o orgulho do herói que *entre as montanhas do Palmar* toma a cena como ator principal na História. Aquele que atua no presente, ao lado dos seus, aspirando a um futuro em que o negro deixe de ser o coadjuvante do passado, uma imposição dolorosa da elite brasileira. O poeta amplia o significado da expressão incluir. Não é mero conceito, mas, antes, um chamado à luta, um convite emocionante para assumir o lugar que é de direito de toda a nação, a exemplo de *Palmar*. Proclama a afirmação à vida e reporta que, mesmo diante de todas as adversidades e de uma *luta desigual*, o povo negro sobreviveu. Destarte, pôde forjar no *sangue-húmus de Zumbi* a seiva da fecunda resistência, a despeito de uma pátria que foi com ele adubada, onde vidas pretas foram *derramando-se no chão para fertilizar*. Dessa forma, Oliveira traduz a luta em liturgia ao comungar a reafirmação dos tambores e a grandeza do *último grito no ar*, bem

---

<sup>29</sup> Oliveira Silveira: obra reunida, p. 171, Literafro. Disponível em: <<www.lettras.ufmg.br/literafro>> Acesso em: 19 jul. 2018.

como ao convocar a aclamação de um dia para engradecer o heroísmo e a audácia de quem fertilizou o solo na esperança de uma vida plena. Com essa característica, a poesia de Oliveira Silveira é seu maior recurso na idealização e na organização da releitura da história do negro como via de conscientização do seu valor.

Essa força de luta, Nobles (2009) concebe como pulsão palmarina, um impulso que os negros escravizados desenvolveram para lidar com o estranhamento e o desenraizamento, as dores emocionais e as sequelas da diáspora. O autor afirma que este ímpeto é “tão irresistível como o desejo de ser reconhecido, de ter valor, ou a necessidade de comida ou água” (NOBLES, 2009, p. 296), do qual são fundantes o resgate e o enaltecimento da figura de Zumbi e o seu desejo de ser africano e livre. Sob esse prisma, Oliveira traduz o querer de forma sublime, ao recontar no poema Vinte de Novembro o ímpeto e a inspiração do herói. *Tambores de orgulho e brio conclamando a lutar* invocam a integridade de seu propósito com a unicidade da sabedoria de quem foi mestre, sem perder de vista a simplicidade do pampa e a dignidade de quem encontrou sua origem e fez dela a glória de seu caminhar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou a poesia de Oliveira Silveira para tentar extrair as representações de negritude vigentes por centenas de anos, assentadas pela elite branca, mas que encontram contraponto em cada uma das palavras, versos e rimas do autor. Silveira, na sua *pulsão palmarina*, projeta o espelho da verdade de quem se é e de como se caminha a partir do seu reconhecimento pessoal e da busca pela sua essência, na medida em que toda história individual reflete um drama coletivo. Para ele, fica evidenciado que conhecer a história em seus meandros e desvios nos leva a construir uma identidade que, antes de ser individual, é coletiva.

A poesia é intenção de manifestação de beleza e de estética. O poeta analisado parte do não-estético, que foi a escravização, para colocar em versos um negro valorizado em seus aspectos físicos e em sua força, seja ela a bruta, usada nas lavouras, seja ela a força dos guerreiros quilombolas, exercida em campo. No desenrolar de seu percurso pessoal e na conquista de sua *identidade* negra ao encontrar suas origens, é possível constatar o “sentido de autoria” na obra de Oliveira Silveira, a qual busca suas raízes mais profundas com uma intensa reflexão sobre o ser. É para o passado que ele estende a mão a seus irmãos escravizados, não para mostrá-los em troncos e em navios tumbeiros mas, sim, para evidenciar o passado heroico e o futuro que pode ser promissor, a partir de um compromisso manifesto da sua obra. Oliveira Silveira reconstrói o percurso do negro, exaltando sua contribuição em cada fase da história do Brasil. Usa as palavras como pacto de engajamento e força inspiradora para o chamamento da comunidade negra a repensar sua história e sua cultura, com orgulho daquilo que é. De forma

sublime, sua poética é instrumento de reconhecimento. Inspira a luta e valoriza a narrativa negra brasileira. Nestes tempos de implementações, garantir a Lei 10.639/03, a qual da luz à inclusão da História e da Cultura Afro-brasileiras no currículo oficial em toda a rede de ensino fundamental e médio, é tarefa de todos os educadores. Assim, conhecer o movimento negro e a luta pelo reconhecimento dessa história, empreendida em parte por Oliveira Silveira, é mais do que nunca ter em mãos um grande aliado no processo educativo.

A necessidade da inserção de pensadores, artistas e articulistas negros nos currículos de formação, notadamente do Ensino Superior e em especial naqueles das Ciências Humanas, Psicologia, Pedagogia, entre outros, é tarefa que requer empenho e atitude comprometidos com a verdade dos fatos. Somente com uma educação básica de solidez é que formar-se-ão pessoas pensantes e despidas de pré-conceitos ou racismo.

Oliveira Silveira evidenciou um negro de autoestima elevada. Trata-se de um negro que estudou o passado com olhos atentos e questionadores. Do braço forte do negro, desenhou palavras em rimas e versos que conquistam paulatinamente uma dívida que é real, que constroem ações afirmativas e de reparações para com os negros, que não se limitam a um simples clamar.

## REFERÊNCIAS

BERND, Z. & BAKOS, M. M. *O negro: consciência e trabalho*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. 1988. Disponível em: <<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>> Acesso em: 21 jul. 2018.

BRASIL. *Decreto 65.810/69*. 1969. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-65810-8-dezembro-1969-407323-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 21 jul. 2018.

CAMPOS, D. M. C. A ressignificação de Palmares: uma história de resistência. In SILVA, G. F., SANTOS, J.A e CARNEIRO, L. C. C. (org.) *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento* [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos, 2ª ed., revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CARDOSO, M. *Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Belo Horizonte: Mazza, 2002.

CHARTIER, R. *A História Cultural - Entre práticas e representações*. Cornell University Press./Difel - Difusão Editorial S.A, 1988.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA-CRP. *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os*. Brasília: CFP, 2017.

DOMINGUES, P. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Tempo, 12 (23). Disponível em <<<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>> Acesso em: 25 jul. 2018.

GOMES, A. S. *O Primeiro Congresso Nacional do Negro e a sua importância para a integração social dos negros brasileiros e a ascensão material da Sociedade Floresta Aurora*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Ano I, Número I – Jul. de 2009. Disponível em <<[www.rbhcs.com](http://www.rbhcs.com)>> Acesso em: 25 jul. 2018.

LONER, B. A. A rede associativa negra em Pelotas e Rio Grande. In SILVA, G. F., SANTOS, J.A e CARNEIRO, L. C. C. (org.) *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento* [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos, 2ª ed., revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em <<<http://www.pucrs.br/edipucrs/>>> Acesso em: 30 jul. 2018.

MAIO, M. C. *Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos*. Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz, Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, Rio de Janeiro. Cad. EBAPE. BR, v. 13, Edição Especial, Artigo 5, Rio de Janeiro, Set. 2015.

MULLER, L. S. As contas do meu Rosário são balas de artilharia. In SILVA, G. F., SANTOS, J.A e CARNEIRO, L. C. C. (org.) *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento* [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos, 2ª ed., revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em <<<http://www.pucrs.br/edipucrs/>>> Acesso em: 30 jul. 2018.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, A. *Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões*. Estudos Avançados nº 18 (50), 2004, p. 209-224.

NASCIMENTO, E. L. *O sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

NOBLES, W. W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In NASCIMENTO, E. L. (org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SILVA, E. *As camélias do Leblon: uma investigação da história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, J. *A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50*. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, nº 2, 2003, p. 215-235.

SILVEIRA, O. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In SILVA, P. B. G; SILVÉRIO, V. R. *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília, D.F: INEP, 2003, p. 21-42.

SILVEIRA, O. In ALBERTI, V. e PEREIRA, A.A. (org.) *Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CEPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas, CPDOC-FGV, 2007. [Versão iPad Kindle]. Disponível em: <<<https://ler.amazon.com.br/?asin=B01FWM4AIS>>> Acesso em: 30 jul. 2018.